

ana de  
araujo

escrevo  
poesia  
como  
atiro  
pedras



ARTEFATO  
E D I Ç Õ E S

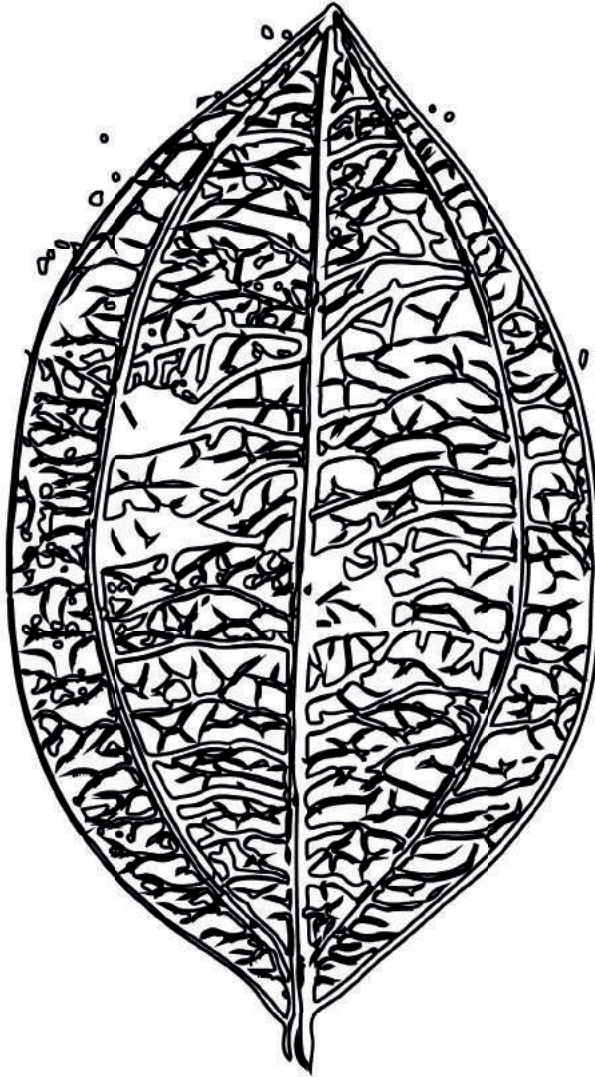
#1

escrevo poesia  
como atiro pedras

ana de araujo



ARTEFATO  
E D I Ç Õ E S



Coleção **Nervuras**

COORDENAÇÃO EDITORIAL E PROJETO GRÁFICO  
**Victor Prado**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL E REVISÃO  
**Lígia Sene**

CAPA E CONTRACAPA  
**Igor Do Vale**

A COLEÇÃO NERVURAS É ORGANIZADA POR  
**Igor Do Vale**  
**Lígia Sene**  
**Victor Prado**  
**Ana Teresa Costa**

---

ARAUJO, Ana de, 1963 -

Escrevo poesia como atiro pedras / Ana de  
Araujo. – 1ª ed. / Coleção Nervuras – Franca,  
São Paulo: Artefato Edições, 2017.

24 p.

Zine

1. Poesia brasileira. I. Título.

---

ARTEFATO EDIÇÕES

artefato.art.br

fb.com/conjuntoartefato

conjuntoartefato@gmail.com



## ARVORESCER

Arvorescer se faz no tempo e eu arvoresci.

Não como coisa natural,  
germe de feijão em pelota de algodão  
umedecido

em brinquedo de menino  
para logo esquecido.

Não...

Arvoresci no desvão da Vida que vira,  
num veio estreito,  
estalado, esturricado, quase estéril,  
em que caí.

Como um engano,  
desculpa que se pede por estar errando e errando...

Errando desadormenci  
numa teima

sensaborosa,  
impertinente,  
desconhecida,  
e desavisada da Vida vivi.

Quando vi, que dei por mim  
dava e daria a vida por migalha que fosse  
de coisa parecida com o amor  
e que era morte.

Às vezes é preciso morrer para viver...

Morri e sigo morrendo os erros e enganos  
na composteira dos meus dias.

Adubo

para uma nova vida viva.

Assim, arvoresci.

## EPIFANIA BACANTE

Na escolha de um dos três caminhos vivi a epifania na madrugada de um novo dia a amanhecer a Vida!

Subitamente todas as coisas fazem muito sentido, até o xale sobre os ombros. Filtrar os sonhos lentamente...

l e n t a m e n t e ...

O melhor gozo, o teatro. Não preciso mais tomar remédio, porque o remédio já tomei. Tomei a mim.

Enfim, eu saltei e não houve euforia nem ferida, somente os pássaros anunciando a manhã.

A noite é minha amiga, conselheira. Dorme mulher menina-moça criança entregue aos sentidos, entregue aos desejos. O novo dia começa ao longo. Aquele de mim, do eu-corpo são, da essência, do gozo, da Vida.

Eu sou uma bacante, mênade, através de mim as potências, a transformação. O coração aberto é uma vagina. Penetra-me a Vida! A ébria, sua orgia.

Eu me batizo em nome do pai, da mãe e do espírito da santa. Amém!

Eu me chamo Ana Cláudia, a bacante!

(e a escolha foi feita...)

## POEMA SEM UM FIM *Emprestado à Drummond*

Quando eu nasci um urubu trombou com a cegonha e eu caí!  
Se por azar, capricho do destino, piada de mau gosto ou castigo divino,  
Esborracharam-se minh' alma caipira e meu coração mineiro  
Bem ao meio dos Morros do Macaco e Pau da Bandeira  
Em Vila Isabel, terra de Noel, berço do samba carioca.

É bem verdade que o samba me pegou pelos pés  
E pelo corpo inteiro!  
Banzo brasileiro de uma alma negra que me acompanha há vidas.

Mas no andar da carruagem pelas voltas que a vida dá,  
Em Franca vim parar...  
Nunca me esquecerei daquele acontecimento na vida de minhas  
retinas tão desavisadas!  
Nunca me esquecerei daquele frio céu azul abril que estalava!  
Nunca me esquecerei... Nunca... Estalava!!  
Está lá... Está... Estou.  
No meio do caminho tinha Franca,  
tinha Franca no meio do caminho.  
No meio do caminho estou?!  
Um perto tão longe da pátria mineira imaginada!  
Nunca me esquecerei de tal “acontecimento” na retina de minha  
vida tão...  
(... inconclusa?)



## QUERO A POESIA

Quero a poesia!  
Quero a poesia,  
mas não a dos grandes poetas  
das palavras certas.

Quero a poesia pouca,  
torta, rouca,  
sem graça, mesquinha,  
de pé quebrado,  
como a minha.

Quero a poesia que doa,  
ausente os sentidos  
e  
no único ínfimo desvão  
da carcaça-couraça  
dilacere-me,  
qual agulha faca adaga espada e lança,  
ferindo-me mortalmente na certeza do que sou.  
Enfim, então,  
exangue  
na beleza do ser  
novo e nu,  
liberte-me para a criação.

## UM POUCO JOSÉ

E agora, Brasil?  
A festa acabou?  
A luz apagou,  
o povo não sumiu,  
a notícia esfriou,  
e agora, Brasil?  
e agora, você-Brasil?  
sem rumo  
na quizomba de políticos perversos,  
o quanto adianta protesto?  
e agora, você?

A mulher se foi,  
o discurso em descaminho  
e não posso pensar em falar.  
Dormir já não posso,  
porque a noite esfria  
e o dia vem  
com notícia sem riso e sem utopia.  
Não... nada ainda acabou,  
Pois se correr o bicho pega e  
se ficar o bicho come.  
Fugir pra onde, bicho “home”?  
E agora?

E agora, José Sarnento, Eduardo Alcinha,  
Renan Calhorda, Romero Jucaiu?  
Suas “doces” palavras nos instantes de “febre” no Poder,  
Gulas sem jejum pelas lavras de ouro...  
a Lava Jato comeu?  
A Globo recuou?  
Quem foi que pressionou?

Por que?  
Ou os ternos da corrupção de vidro são...  
Foi golpe, não?

E agora, nós-Brasil?  
Com uma só chave na mão  
abriremos a porta do futuro  
para o bem comum?  
Ou morreremos na praia  
depois de nadar  
no mar de tanta distração?  
O que está por trás da cortina de fumaça?  
Ir para Minas?  
Ah, Minas!  
A pátria imaginada de poesia, prosa e pedras no caminho...  
Mas... Minas de Aécio? Não há mais?  
e agora, nós?

Nós já gritamos e gememos,  
Alguns brigaram,  
Outros cantaram o hino,  
Bateram panelas,  
Nos dividiram em petralhas e coxinhas!  
E se... eu cansasse,  
se tu cansasse,  
se ele, ela e todos nós  
cansássemos de tudo e fôssemos dormir  
ao menos uma noite toda  
com tranquilidade e certeza de um bom e novo amanhã?  
Talvez toda essa crise morresse de inanição...  
Mas ela não morre,  
Porque alguém ganha com isso!  
Não é? E agora?

Sozinha no escuro qual bicho-do-mato em agonia,  
Na parede nua me encosto pra pensar,  
Persentir a mente que sente  
e escoiceia como cavalo bravo  
em fugaz galope para onde nem sei,  
posto que estou num cercado cerceado.  
As palavras não me sedam  
e a sede aumenta...  
Perpassa e transpassa o silêncio.

É agora?!

## **PARA DIEGO** *Para Diego Silva*

Vou contar que certa vez conheci um sujeito que era cheio de recantos e desvãos e um dia, lá no recôndito de sua alma amável, porém descrida, encontrou uma semente de amor próprio umtantoquanto ressequida e plantou, meio a esmo, meio na fé carcomida e, desde então, vem cultivando-se adubado de dores e, em meio aos percalços, colhe flores de Vida.

## WU WEI

Não quero mais andar  
distraída  
de mim,  
do mundo,  
de mim no mundo.  
Não quero dar mais  
nem  
um  
só  
passo  
no descompasso dessa traição.  
Quero passar à liberdade,  
à leveza da não-ação.

## COMO PODE? *Para Antonio Baltazar*

Como pode essa poesia me roer?

Me lambe, lambisca, petisca, belisca, saboreia, devora, absorve, empanturra...

Me experimenta, prova, traga, ingere, engole, deglute, ingurgita, consome...

Me carcome, corrói, deteriora, desgasta...

Me gasta, esbanja, dilapida, dissipa, desbarata...

Me defrauda, toma, rouba, usurpa, apodera, espolia, arrebatada, açambarca...

Me pega, surra, espanca, bate, apanha, sofre, castiga...

Me capta, bebe, assimila, escuta, ouve, apreende...

Me fia, confia, crê, acredita...

Me nutre, alimenta, sustenta...

Me coça, comicha...

Me possui, traça, transa, copula,...

Me come... É foda!

E eu amo.

## MICRÔNICA

No País do Xixi e do Cocô aconteceu um vazamento.  
Não há motivo para alarme já que o risco foi devidamente calculado.  
Após o incidente houve farta distribuição de guardachuvas.  
Como a situação era emergencial não houve licitação.

#ForaTemer



**VoAMOr**

w . . .

w

Vou.

w

Vai!

w

Vou...

w

Fui!

w

Voo...

w

Flui

w

.... Flow .... w

II

AS VOZES DO MITOTE

## **EU AGORA NÃO BRIGO MAIS COM DEUS**

Eu agora não brigo mais com Deus. Eu obedeço...

Se Deus diz vai lá e põe a cabeça dentro da privada, eu ponho. Eu não vou mais lá e pergunto, discuto, brigo, dou birra, não, eu vou lá e ponho a cabeça dentro da privada e ainda agradeço... Uai! Já levou bolo de Deus?! Não?! Experimenta brincar de Bento que Bento é o Frade com ele... Tudo que seu Mestre mandar, faremos tudo, e se não fizer, ganharemos um bolo!... Deus não tem espírito esportivo não.

## **PERCALÇO, TEMPERO DA VIDA**

Só te digo uma coisa: percalço é tempero da vida. Serve pra deixar o sujeito, depois de amaciado, marinando. Uma hora pega gosto de viver. Mas tem uns... carne dura! Se não furar bastante, bater, não tem jeito não, o tempero não entra. Fica insosso.

## EISE CHEGA ANSIM, NA AFOITEZA

Eise chega ansim, na maior apoderança, vão falando, vão dizem, botando banca e quereno mudá tudo, mas é pruque eise véve num mundo de afoiteza... mas cum tempo vão miorando, veno que pur aqui é deferente. O tempo é deferente. Adispois eise costuma, gosta, e dá inté pra tirá uma prosa boa. É tê paciência. Liga não... é dexá o tempo fazê o seu sirviço.

## ENCOSTO VIVO

Deus que me perdoe, mas aquilo não é gente não. Aquilo é um encosto vivo. Uma cruz pra carregar... Eu devo ter sido mesmo muito ruim na outra encarnação, porque só assim pra entender e suportar. Mas quem sou eu pra reclamar... Cristo teve sua cruz e cada um tem lá a sua. O jeito é continuar vivendo.

## PROSA NO SILÊNCIO

Òi, moço, acho mió pará a prosa pur aqui. Num é causo de antipatia não, que nunca fui dessas cousa. Num faço deferença de ninguém. É que num gosto memo de jogar cunversa fora. Nunca que gostei. Minha mãe dizia que eu era esquisita, que ansim nunca ia casá e num casei. Mas sempre achei que as palavra era cousa de muita responsabilidade pra jogar no ar. Deus que ouvi tudo quanto é gente, ele feizi os home a sua image e perfeição, com dous ouvido e uma boca, prá ouvi mais que falá. E a gente pra ouvi já tem o mundo que é grande dimais. Perfiro curversá no silêncio. Sô ansim memo. Cum sua licença.



// Inverno, 2017 //





Este zine que você segura foi composto nas fontes Adobe Caslon Pro e Consolas em Julho de 2017. Sua impressão ocorreu na gráfica Multicópias, que fica na R Oreste Dalmazo, 2530, no Jd. Petraglia em Franca/SP. Para entrar em contato, ligue (16) 34093956 ou mande email para [multicopias@live.com](mailto:multicopias@live.com)

Sozinha no escuro qual bicho-do-mato em agonia,  
Na parede nua me encosto pra pensar,  
Pensar a mente que sente  
e escolhe como cavalo bravo  
em fugaz galope para onde nem sei,  
posto que estou num cercado cercado.  
As palavras não me sedam  
e a sede aumenta...  
Perpassa e transpassa o silêncio.

É agora?!



Escrevo Poesia Como Atiro Pedras /  
Ana de Araujo /  
Coleção Nervuras /  
Artefato Edições /  
Franca, SP /  
Julho de 2017 /